

VISÃO DO CORREIO

Berço das facções criminosas está na desídia do Estado

Depois de inspecionar 1.738 unidades prisionais no ano passado, um grupo de 996 juízes constatou que mais da metade das cadeias do país está superlotada. Dessas, quase 50% está com mais do que o dobro da população carcerária que deveria estar ali inicialmente. A tragédia não termina aí: 44 das prisões visitadas são de metal, várias ex-contêineres de carga reaproveitados para guardar gente.

Num ano eleitoral, muitos serão os políticos que utilizarão o discurso “se não quiser estar na cadeia, é só não fazer besteira”, dito por um ex-presidente que está preso em casa em razão do status a que tem direito e dos bons advogados que o defendem. Mas quem vive nesses cárceres também têm direitos — e o principal é ser tratado com decência e humanidade. Isso, em momento algum, significa apoiar o crime ou ser leniente com qualquer gênero de infração à lei, como querem fazer parecer figuras da política adeptas da máxima de que “bandido bom é bandido morto”.

Quem ganha com esse estado de coisas é somente a facção criminoso. Quando começou a se organizar depois do infame Massacre do Carandiru — nunca é demais lembrar que 111 detentos foram assassinados pelo simples fato de estarem ali, e quase todos, inclusive, por causa da cor da pele —, em outubro de 1992, o Primeiro Comando da Capital (PCC) denunciava as péssimas condições das cadeias em São Paulo. A resposta do Estado foi uma só: indiferença sobre como os presos passavam os dias naquelas gaiolas.

Cevado pela desídia dos governos, o PCC assumiu a forma de um vírus incontrolável, um organismo que se alimenta do hospedeiro, que, nesse caso, é a própria máquina estatal. Corrompe e alicia seus agentes e forma quadros para que integrem os Três Poderes. Nada está imune às facções.

Hoje, ninguém sabe ao certo as fronteiras de atuação dessas organizações criminosas. A Operação Compliance Zero mostrou que

fundos de investimentos instalados em vistosos escritórios na onipresente Faria Lima lavavam dinheiro do crime. Esses recursos se misturavam a aplicações legítimas e faziam parte do grande bolo do Banco Master, que botou no bolso muita gente do primeiro time da vida pública.

O alerta do CNJ nos lembra de que a indolência dos governos é fazedora de monstros. Os juízes que participaram do mutirão carcerário constataram que somente 14,67% dos estabelecimentos têm alvará de funcionamento e 20,71% funcionam sem planta baixa. O fato de essas unidades não terem um diagrama de distribuição de dependências, de rede elétrica e hidráulica não é tecnicidade. Ao contrário: a falta desse documento dificulta o cálculo da capacidade real de cada unidade. Confirma que aquela prisão foi construída de qualquer jeito, sem o menor planejamento e, muito possivelmente, material técnico adequado. Ou seja: o desrespeito ao preso se manifesta até nisso.

Questões estruturais são fundamentais para conter rebeliões. Segundo o mutirão do CNJ, 41,21% dos estabelecimentos não têm laudo do Corpo de Bombeiros — ou seja, em caso de incêndio, é de 100% a possibilidade de uma grande quantidade de pessoas morrer queimada ou intoxicada; 21,31% estão sem extintores ou com equipamentos contra o fogo em condições irregulares. Sobre água e controle sanitário: 35,21% das prisões não têm ideia da qualidade da água ali utilizada, inclusive para consumo dos funcionários e administradores.

São dados vergonhosos, que nos reduzem como sociedade civilizada. O diagnóstico do CNJ está ao alcance das autoridades, e não é preciso criar grupo de trabalho para analisá-lo e empurrar soluções com a barriga. Basta tornar a questão carcerária item fundamental de segurança pública e incluí-la nas iniciativas de combate às facções. Caso contrário, PCC e Comando Vermelho continuarão a exercer o competente papel de formadores de gerações de criminosos.



IRLAM ROCHA LIMA

irlam.rochabsb@gmail.com

New York, New York

Ao tomar conhecimento das restrições e dificuldades impostas por Donald Trump aos que visitam os Estados Unidos, me recordei de quando estive em Nova York em 2009 e, praticamente, mapeei a cidade que mais recebe turistas no mundo. Busquei conhecer o que havia de mais interessante na cena artístico-cultural.

Fiz, antes, um roteiro do que gostaria de ver e assistir. Obviamente, procurei saber o que estava em cartaz na Broadway e me juntei à plateia de *Cats*, musical que vinha superlotando o teatro onde estava em cartaz havia mais de um ano. Na Time Square, filas imensas formavam-se para compra de ingressos.

Assisti a um show de blues no Carnegie Hall, local em que, em 21 de novembro de 1962, houve a Noite da Bossa Nova, com a participação de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Roberto Menescal, Luiz Bonfá e Sérgio Mendes e Alaíde Costa, entre outros.

Seguindo a sugestão do crítico musical Nelson Motta, estive no bairro do Harlem e me emocionei com a performance do tradicional grupo de gospel da First Church Baptist após o culto — momento em que o louvor se transforma em verdadeiro concerto musical.

Mas nem só o sagrado estava na minha agenda. Não perdi a oportunidade de ir ao Greenwich Village, bairro onde, em 28 de junho de 1969, ocorreu protestos da comunidade LGBTQIA+ contra a violência de policiais que ficaram conhecidos como Stone

Wall Revolution. O movimento gerou manifestação, em forma de passeata que, posteriormente, passou a ser realizada em várias cidades do mundo, inclusive São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

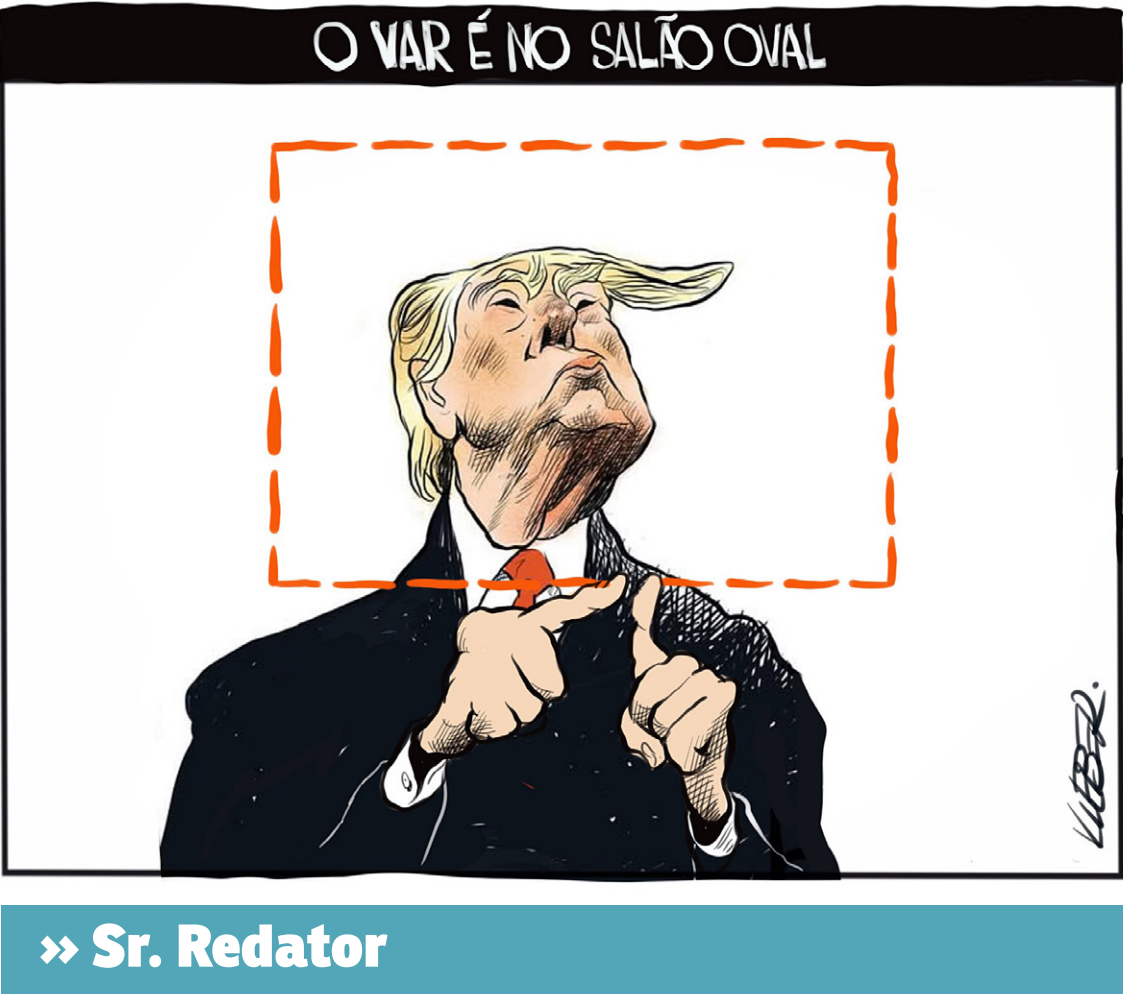
Nas caminhadas que fazia pelo Central Park, ponto de encontro de nova-iorquinos e visitantes, sempre parava no memorial de John Lennon, modesto para a importância do genial cantor e compositor inglês que formou com Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr os Beatles a mais relevante banda de pop e rock de todos os tempos.

O autor de *Imagine*, hino pela paz, morava com Yoko Ono ao lado no edifício Dakota, em frente do qual foi assassinado em 8 de dezembro de 1980, o que abalou não apenas os fãs, mas todos os que se posicionam contra a violência e a barbárie. Certa vez, a vi chegando ao prédio.

Por tudo o que ocorre atualmente na relação do Brasil com os Estados Unidos, não existe nenhum motivo que me leve querer voltar a Nova York — cantada em bela canção por Frank Sinatra —, pelo menos neste momento.

Até porque, não quero ser alvo da truculência da qual atualmente são alvo os turistas. Nem mesmo os jogos da Copa do Mundo que são realizados naquela metrópole me fazem mudar de ideia, principalmente depois da derrota da Seleção Brasileira para a da Noruega e a consequente eliminação da Copa do Mundo.

O VAR É NO SALÃO OVAL



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Vexame histórico

Com a ilusória safra de atletas que temos, vamos continuar amargando a mesmice da mediocridade. Longe de ser uma eliminação gloriosa, foi um vexame histórico. Noruega jogou melhor o jogo todo. Brasil tonto e sem criatividade. Neymar deveria ter entrado antes na partida. Todas as seleções cresceram e evoluíram. Nós paramos. Regredimos. Vivemos pendurados no feito do penta. Deitados no sono da ruindade. Perdemos o respeito. Ninguém teme mais o Brasil. O quadro decepcionante só mudará com vitórias e conquistas. Ninguém ganha Copa do Mundo sem entrosamento. A renovação precisa ser imediata e rigorosa. Basta de convocar jogadores bons apenas em clubes. Na Seleção, pouco ou nada rendem. Renovação precisa ser imediata e rigorosa. Temos quantidade de atletas, mas pouca qualidade.

» Vicente Limongi Netto

Asa Sul

Moleque Neymar

A postura de Neymar em campo consagrou uma das imagens mais melancólicas e vergonhosas da história da Seleção Brasileira. É o retrato perfeito do egocentrismo: o time sendo eliminado de uma Copa do Mundo, e o craque celebrando um gol protocolar como se fosse a única coisa que importasse. Essa pequenez individualista contrasta perfeitamente com a postura do goleiro adversário. O sorriso do goleiro da Noruega disse tudo: tais sabendo que tu tá sendo eliminado? É o tapa na cara de um egoísta. Ali, o egoísmo de uma estrela solitária levou a um choque de realidade.

» Gilberto Pereira Tiriba

Santos (SP)

O sorriso norueguês

Perdemos a partida, mas não consegui ficar bravo com os noruegueses. Na verdade, confesso que estou encantado com a simpatia deles. Haaland fez os gols e, em lugar de sair pulando e dançando alucinado, economizou energia e apenas sorriu malandramente. Aliás, tanto no acerto como nos erros, os atletas noruegueses sorriam. O Haaland, estampado na capa do **Correio Braziliense** de ontem, esbanja simpatia. Apesar do tamanho, que poderia torná-lo desengonçado, mostrou elegância, agilidade e precisão. Depois, apenas sorriu. O sorriso dele e dos demais jogadores noruegueses revelou-me um povo em paz e satisfeito consigo mesmo; decididamente, algo ausente hoje não só na equipe, mas em todo o povo brasileiro. Não foram os músculos, mas os espíritos que fizeram a diferença. Espíritos esses potencializados, lá e cá, pelo exemplo dos respectivos líderes.

» Rubi Rodrigues

Octogonal

Espetáculo populista

A defesa do Pix nos Estados Unidos pode até render manchete, foto e discurso alinhado, mas não

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Frase mais usada por dirigentes, jogadores e até jornalistas após mais uma eliminação da Seleção Brasileira: “Precisamos aprender com nossos erros.” Estamos há 24 anos errando.

Marcus Aurelio de Carvalho — Santos (SP)

Foi difícil encarar um sushi e não engoliu um bacalhau? Brasileiro é enganado na política e no futebol.... Então, que tal mudarmos a administração do nosso futebol?

Marcos Paulino — Vicente Pires

Acidentes no Lago Paranoá preocupam há muito tempo. O que mais impressiona é que não é um espaço difícil para monitorar. Os acidentes são mais comuns nos fins de semana. Os locais mais movimentados são conhecidos. O que preocupa, na verdade, é a ineficiência deste governo!

Marlon Barros — Cruzeiro

resolve a crise de confiança, de coerência e de prioridades do país. O Pix não precisa de salvador internacional, mas de segurança, transparência e responsabilidade. Enquanto os brasileiros lidam com golpes, tarifas, instabilidade e disputas políticas, a narrativa oficial tenta transformar uma viagem em gesto heroico. A sensação é de que a viagem serve menos ao Pix e mais ao próprio personagem. Menos ao país e mais ao palanque e ao jogo político. Na realidade, quem usa o Pix todos os dias não quer mais um espetáculo populista.

» Paccelli M. Zahler

Sudoeste

Privatização

Estatização e privatização proporcionam dicotomia e, por assim dizer, controvérsia. Veja-se os casos das rodovias e da Embrapa, que trabalha com pesquisa agrícola. São casos opostos. As rodovias do país têm na privatização um fator de sucesso, principalmente em São Paulo. Em contraponto, a Embrapa, por proporcionar retorno social e econômico, não fornece argumento para que ocorra a privatização. Os casos das rodovias e da instituição de pesquisa são elucidativos e demonstram a dicotomia existente. É como reunir duas frutas de origem distinta em um mesmo saco.

» Enedino Corrêa da Silva

Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO

Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés

Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux

Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ

associação de jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

DA

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br